

PERSPECTIVAS DO ENSINO DA ARTE SOBRE O RITUAL BAIÃO DE PRINCESA: SEMELHANÇA, DESSEMELHANÇA E HIBRIDISMO

Luis Félix de Barros Vieira Rocha¹;

Georgina Helena Lima²

¹Universidade Federal de Pelotas – luis.felix.rocha@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – geohelena@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da proposta de tese de Doutorado em Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/FAE, que tem como título, “**ARTE-EDUCAÇÃO NO TERREIRO**: A possibilidade de práticas pedagógicas antirracistas dos(as) Arte/Educadores (as) através do ritual de Baião de Princesas da Casa Fanti Ashanti em São Luís do Maranhão”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA, vinculado ao Governo do Estado do Maranhão. A problematização que é trazida, diz respeito à percepção dos(as) arte/educadores(as) acerca do Baião de Princesas enquanto ritual potencializador de perspectivas educacionais antirracistas. Nesse pressuposto, partimos de um estudo exploratório cujo objetivo foi o de identificar a partir das falas dos(as) arte/educadores(as) colaboradores(as) da pesquisa, sua percepção acerca do referido ritual observado em 2022. O processo colonial deixou marcar profundas no contexto político e cultural, em especial o religioso, algo manifesto cotidianamente. Na perspectiva das experiências coloniais, o Baião de Princesas ritual ligado à linha da cura, realizado no dia 13 de dezembro na Casa Fanti Ashanti em São Luís do Maranhão, é uma festividade onde somente mulheres dançam e incorporam entidades espirituais femininas (rainhas, princesas e crianças). Tal ritual de matriz africana, originado no século XIX, herança do extinto Terreiro do Egito, em contato com elementos europeus e indígenas, sofreu influência, dando origem a um quadro renovado, a esse processo de transformações e trocas culturais denominamos de hibridismo. O processo colonial permitiu que se criasse diferentes identidades culturais, resultado desse encontro compulsório e violento entre África/América/Brasil. Dessa forma, as identidades não são/estão estagnadas; elas se modificam a partir de relações de contato de diferentes naturezas. Sobre o processo de transformações das identidades, Hall (2008, p. 69), nos explica que “[...] as identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante. Longe de fixas eternamente em algum passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo ‘jogo’ da história, da cultura e do poder”. O Baião de Princesas, ritual que se insere nos terreiros de culto afro-maranhense, revela a influência europeia/cristã, na qual podemos identificar nas ladainhas em latim, presença de santos, entidades europeias, indumentárias, castanholas que se mesclam também às práticas indígenas (curandeiria) com o uso de pandeiros, elemento da cura/pajelança. O processo de dominação cultural criou um novo espaço, o “entre lugar”, ou seja, uma zona que não pertence puramente à cultura africana, indígena, e muito menos à imposição colonial, porque de um espaço híbrido emerge segundo Walsh (2013), um lugar propício para a insurgência de possibilidades por entre as “grietas”, brechas produzidas em especial pela população negra nas estruturas coloniais que se mantém pela colonialidade (QUIJANO, 2010). Segundo Babha (1998, p.20 e 22) “Estes ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. [...]”.

Por conseguinte, o processo de hibridização permitiu que as diversas culturas (negra, nativas e europeia) se encontrassem e iniciassem uma rede cultural com diferentes ramificações, onde há diversos níveis de interação entre elementos culturais que acabam sendo negociados, apropriados e manuseados de diferentes maneiras pelos sujeitos que ali estão inseridos. Sobre o hibridismo Canclini (2006, p.19) afirma que são “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” Compreendemos que no processo de hibridação as novas estruturas, não estão definidas enquanto potencial de dominação/emancipação, todavia, existe uma desestabilização da previsibilidade nessa relação: o que pode advir desse encontro é uma dúvida que desloca a certeza de lugares de poder pré-determinados ou definitivos. Partindo desse pressuposto, consideramos que o Ritual Baião de Princesas é uma manifestação religiosa, cunhada pelas diferentes culturas que reconfiguram uma estrutura religiosa preexistente no século XIX e ao se tornar, um todo híbrido pode se tornar um elemento de construção de um modo de vida peculiar, perpassado pela fé e resistência como aspectos característicos dos(as) afro-diaspóricos(as) brasileiros(as).

2. METODOLOGIA

A estrutura metodológica foi desenvolvida em etapas: no primeiro momento tivemos um encontro para conhecer os(as) professores(as) colaboradores(as) da pesquisa e explicar o objetivo da tese. Nosso encontro foi desenvolvido on-line (webconf/UFPEL), onde levantamos alguns questionamos como quais as compreensões acerca do tema arte, religião e antirracismo. No Segundo momento de forma presencial, tivemos um encontro na Universidade Federal do Maranhão para definirmos a ida ao terreiro (o que olhar, como se comportar, os materiais a serem utilizados, formas de registros, e outros aspectos que se considera importante para o encontro). Logo a seguir, pesquisador e orientadora foram visitar o terreiro, no dia anterior à festa onde nos apropriamos de diversas informações sobre o ritual e a dinâmica do terreiro anterior à mesma. No terceiro encontro fomos no *lócus* da pesquisa (pesquisador(a) e colaboradores(as) da pesquisa), vivenciar o Baião de Princesas, realizado no dia 13 de dezembro de 2022 na Casa Fanti Ashanti em São Luis do Maranhão. No quarto encontro colhemos as impressões desses(as) colaboradores(as) pelo webconf (on-line). E para esta reflexão, utilizamos alguns dados dessas impressões que se constituem uma prévia das categorias de análise pautada nos elementos materiais observados na relação com as diversidades religiosas nos levando a pressupor dados relacionados ao binômio **semelhança/dessemelhança** à luz de uma perspectiva do antirracismo religioso. Trata-se de uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório que segundo Gil (2008, p.1), visa “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado”. O método de procedimento de nossa pesquisa é o Estudo de Caso com ferramentas etnográficas, porque ao analisarmos o ritual do Baião de Princesas, faremos uma observação e descrição densa do fenômeno a ser investigado. Conforme Yin (2015), o estudo de caso é uma averiguação baseada na experiência, ou seja, um procedimento que compreende tudo como: planejamento, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira aproximação que os(as) colaboradores(as) tiveram com o terreiro, para a grande maioria era a sua primeira participação no ritual embora alguns(mas) já tenham visitado a casa em outras oportunidades com fins de visitas de cunho

acadêmico. Para os(as) cinco professores(as), o ritual é potente para o ensino da arte ao observarem, tecnicamente, o conjunto de elementos artísticos que se coadunam a uma diversidade de gestos, cores, formas, ritmos sejam eles corporais ou na materialidade dos instrumentos musicais, adereços e roupas.

Priorizamos, para este momento, enquanto elemento de análise, as vestimentas que ao serem relatadas como indumentárias cujos figurinos eram saias rodadas, com mangas bufantes e cores que na combinação rítmica com os cantos religiosos (pontos, ladainhas, e outros ritmos) em harmonia através de sons de pandeiros e castanholas, produziram efeitos estéticos dificilmente “descritos” (SANTOS, 2019) para quem, observa e se extasia. Apreendemos das narrativas das(os) colaboradoras(es), uma aproximação do vestir-se para o ritual de matriz afro-maranhense com o vestir-se para as religiões cristãs: uma primeira quebra de paradigmas no sentido de observar que existe uma quantidade de regramentos que se não se **assemelham** na lógica do cristianismo, argumentam racionalidade para aqueles (as) que ao serem acusados de “desordem” ou “demoníacos”, produzem uma outra ordem: a ordem da reconciliação do sagrado com o profano, do ayê com o órun, da vida com a morte, do humano com o divino.

Vejamos as narrativas:

Colaboradora 1: “As mulheres estavam com blusas brancas de babados e foi as coisas que eu fui percebendo, muito babado essas saias de cores azuis e as blusas brancas, os Colares.

Colaboradora 1: “A gente ia observando um ritual em relação às artes visuais por exemplo as cores que aparecem nas vestimentas, nos adereços que eles utilizam durante o ritual”. **Colaboradora 2:** “Assim o mesmo princípio dos movimentos da música, até a indumentária, o cuidado com a roupa, às vezes as irmãs do círculo de oração não pode ter o colo descoberto, com roupa sem manga, a saia bem rodada. Isso me chamou a atenção como há uma semelhança por mais que, às vezes, as pessoas criticam um outro ritual de outra igreja, de outras dominações religiosas, eu acredito de oração, daquele mesmo ritmo, daquele mesmo jeito com a roupa branca, que a questão da roupa é para não ter a questão vulgar que ali é um espaço religioso então por isso tem que ter cuidado com a vestimenta”.

Isso pode ser veiculado à arte que se poderia ensinar na escola para além dos domínios das “competências e habilidades” engessadas de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) neoliberal (ORTEGA e MILITÃO, 2022), mas de uma arte que designa que um ritual se insere numa arte de ser, viver e fazer rupturas com o ritmo normativo daquilo que a própria Casa Fanti Ashanti vive diariamente com uma vizinhança de igrejas evangélicas que busca a **dessemelhança** para manter padrões de hierarquias, hegemonias e violências. Como exemplo trazemos um fato ocorrido em que um grupo de evangélicos pentecostais, membros do Ministério Gideões Casa de Oração, estavam fazendo uma Marcha em comemoração aos 12 anos de aniversário de sua congregação, em seguida fizeram uma oração em frente à Casa Fanti Ashanti, terreiro de Tambor de Mina tradicional e de Candomblé Jeje/Nagô como forma de exorcização (Jornal “O imparcial”, 2022).

Na sequência dos relatos:

Colaboradora 1: “Eu Acredito que tudo aquilo ele tem um simbolismo né no ritual. Eu pude até perceber que cada religião, tem os seus rituais e tem a sua maneira de se vestir. Na minha igreja, quando estamos nas reuniões nossos rituais, a vestimenta tem a sua importância, e até mesmo das cores que simbolizam algo para nós”. **Colaboradora 2:** “isso me chamou a atenção como há uma semelhança por mais que às vezes as pessoas criticam um outro ritual de outra igreja, de outras dominações religiosas”.

Trazer a **semelhança** entre os **dessemelhantes** é um passo humanizador da arte; para aqueles e aquelas cuja fé veste seu corpo e sua alma, a vestimenta que hibridiza uma diversidade de matrizes nos faz crer que nessas diásporas as zonas de contato, ao serem violentas, na tentativa de deslocamentos dos “outros” para uma zona do não ser (FANON, 2008), podem, também fazer insurgir o lugar que

não é da pura assimilação ou desistência de um sujeito que, a partir de si, reivindica um lugar de existência nessa multifacetada diáspora africana, talvez, como o “outro de si mesmo”(BHABHA,1998). Aquele cujo encontro entre negros, indígenas e europeus desejam refundar lugares de opressão para lugares da emancipação possível, ainda que seja no reino da encantaria onde a “cabocla de pena” que dança com seu rosário, dança assim: “ [...] lá na aldeia aonde eu moro/ lá tem cabocla bonitinha como essa nêga / a cabocla de pena, ela dança assim/ a cabocla de pena, ela dança assim / a cabocla de pena, ela dança assim/ com seu rosário”. Esse ponto hibridizado entre “rosários e penas” sinaliza formas de viver em que o que se eterniza ou encanta são outros jeitos de ser e viver e não a opressão.

4. CONCLUSÕES

Pudemos notar como a ressignificação do ritual de Baião de Princesas, assim como as demais manifestações afro-brasileiras foram fruto de um longo processo de hibridação promovido pela diáspora. A partir da vivência dos(as) colaboradores(as) da pesquisa e de seus relatos, podemos compreender o processo de hibridização no ritual Baião de Princesas, fato que permitiu que o mesmo sobrevivesse, se ressignificando e trazendo outros elementos para se pensar o ensino da arte de uma forma mais ampla no sentido de que o estético é a expressão das diferentes contradições e conflitos sociais presentes e passados restando ao(a) professor(a) perceber as linguagens artísticas para além das visualidades porque estas são produzidas no “entre-lugar” de relações sociais conflitantes e, em tempos de intolerâncias religiosas, sempre indefinidas em relação ao olhar estendido à fé do(a) outro(a).

5. REFERÊNCIAS

- BAHBHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. 4º Ed., 1º Reimp. São Paulo, Edusp, 2006.
- CUNHA, Patrícia. Membros da Casa Fanti Ashanti denunciam ataques. **O imparcial**. São Luís do Maranhão. 26 de Abril de 2022.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UNESCO/UFMG, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. S. Paulo: Ed. Autêntica, 2019.
- YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman editora, 2015.
- WALSH, C. (Ed.), **Pedagogias decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Abya-Yala, 2013.
- ORTEGA, Daiani Vieira. MILITÃO, Silvio Cesar Nunes. **O IDEÁRIO NEOLIBERAL NA EDUCAÇÃO: DA BNCC AO NOVO ENSINO MÉDIO**. Revista Educação em Foco – Universidade Federal de Juiz de Fora. 2022.
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do Poder e Classificação Social**. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. S. Paulo: Cortez Ed. Epistemologias do Sul, 2010.